

O POVO DE AVEIRO

FOLHA DO POVO E PARA O POVO

PREÇO DAS ASSIGNATURAS

EM AVEIRO: anno (30 n.ºs) 13000 rs.; semestre (25 n.ºs) 500 rs.
 FORA D'AVEIRO: anno (30 n.ºs) 13125 rs.; semestre (25 n.ºs) 570 rs.
 BRAZIL, (moeda forte) e Africa oriental anno... 13500

Publica-se aos Domingos

As assignaturas devem ser pagas adiantadas

PREÇO DAS PUBLICAÇÕES

Na secção dos annuncios: cada linha 15 rs.
 No corpo do jornal: cada linha 20 rs.
 Numero avulso 30 rs.
 Redacção e administração — rua Direita.

A VEIRO

QUESTÃO DO DIA

O tratado do Zaire e a lei das rolhas continuam ainda a preoccupar seriamente as atenções do publico illustrado e independente. Pela miseravel trama, fabricada pela monarchia portugueza, de accordo com a Inglaterra, cedemos gratuitamente ao estrangeiro os nossos dominios africanos. Quer dizer: abdicamos, por completo, da nossa soberania e da nossa independencia n'aquella fertilissima região.

Pelo projecto de reforma penal lança-se a excommunição á liberdade de pensamento, á liberdade de reunião, á liberdade de discussão. Quem ousar dizer a verdade ao povo, esse será para logo preso e encerrado n'uma enxovia immunda.

Eis aqui, ó paladinos da ordem, até que ponto chegam as vossas reformas e a vossa tolerancia!...

Com o tratado do Zaire, o governo deseja lisongear a Inglaterra de quem se arreceia, como um covarde e um poltrão, que é. Com a reforma penal procura-se agradar ao paço, e, principalmente, á rainha, que não pôde suportar o seu orgulho saboyano, que lhe amesquinhem a coroa idolatrada.

O que é certo é que dentro de muitos poucos annos, a continuarem as cousas como vão, nem teremos dinheiro, nem liberdade, nem sequer patria, o que é certamente mais serio e doloroso. A monarchia constitucional está de

ha muito minando a nossa ruina. A dynastia de Bragança tem nos explorado e atraído de uma maneira vil e indigna.

Ha pouco foi decidido em côrtes que o governo ficasse authorisado a contrahir um novo emprestimo de DEZOITO MIL CONTOS. Agora apparecem-nos, para supremo vilipendio de um regimen immoral e safadissimo, o tratado do Zaire e o projecto de reforma penal.

A camarilha faminta excedeu todos os limites da seriedade e da decencia. Por um lado roubamos, por outro lado conspira contra a independencia da patria, cedendo por medo, os nossos territorios ultramarinos á cubiça do estrangeiro astuto e atraídoando a liberdade de mãos dadas com o rei e os seus lacaios e os jesuitas e a cohorte finoria.

Paizes pequenos, como Portugal, não estão em condições de fazer tratados e muito menos com nações poderosas, como a Inglaterra. Quando se fez o tratado de commercio com a França, foi o nosso paiz o sacrificado. E nem podia deixar de ser assim, por que eramos, como parte contratante, o mais fraco. Não havia egualdade de condições. O mesmo succede agora, em circumstancias muitissimo mais lamentaveis.

O respeito que nos tributavam as nações estrangeiras ainda era devido a sermos possuidores de colonias. Perdidas ellas, ficam inteiramente annullados ante os demais povos civilizados.

Na Europa não havia raça superior á portugueza para amoldar-se ao clima da Africa. Possuimos, como nenhum outro povo, condições especialissimas de

colonisadores. Mas tudo isso desconhecem ou fingem desconhecer os nossos governantes.

Os cinco mil contos que annualmente nos vinham do Brasil, vão escasseando de cada vez mais pela introdução sempre crescente dos productos norte americanos no imperio. Tinhamos a Africa. Era o nosso derradeiro recurso. Mas essa mesma nos vae ser usurpada.

Que nos resta pois? — Vergonha, humilhações, torpeza, roubos, escandalos, hypocrisia e crime...

Que o povo portuguez se erga, como um só homem!

Protestemos todos. A' lucta armada, se tanto fôr necessario...

Abagalhães Lima

PELO ESTRANGEIRO

Dissimos no numero passado que muitos jornaes catholicos annunciavam a resolução tomada pelo Papa de sahir de Roma. Parece que ainda não vae d'esta o representante de Deus na terra. Pelo menos é o que se deprehende do que diz o *Osservator Romano*, orgão do vaticano:

«Os jornaes, escreve aquelle periodico, que fallaram estes dias na partida do Papa, não foram bem comprehendidos em geral. Elles fallavam sobre a possibilidade, para o Papa, de ser um dia forçado a partir e não de uma proxima partida. A epocha da partida não depende do papa; depende do governo italiano. No dia em que o Papa vir a sua dignidade demasiadamente comprometida, a sua liberdade tolhida de todo, quebrará o circulo que o estreita e, á maneira do que fiseram tantos dos seus predecessores, irá procurar em outra parte um azylo mais livre e mais seguro.»

Pois então não haveriamos comprehendido os taes jornalecos catho-

cos, mas suppunhamos que não andariam eternamente a apregoar a sahida do pontifice de Roma, sem tal sahida nunca se realizar. Ha mais de dose annos que elles dão como certa a emigração do Papa. Mas sua santidade tem juizo, e como sabe que já ninguém no mundo morre d'amores por elle, vae-se deixando estar em Roma por que... antes vale um passaro na mão do que dois a voar. Os italianos é que tomaram vó-lo pelas costas. Até o *Diritto*, jornal conservador e sisudo, diz isto:

«O Vaticano não deve ignorar as difficuldades que o Papa crearia á sua acção como chefe da Igreja catholica abandonando Roma.

Quanto á Italia, só teria a ganhar com isso. Partido o soberano pontifice, teria de se defender d'aquelles que tentassem reconduzi-lo por força a esta Roma que tem sido a aspiração de todos.

Diz-se que o Papa não seria mais Papa fóra da sua séde. Não duvidamos, mas o que podemos afirmar é que mesmo que parta o soberano pontifice a Italia ficará sempre a Italia.

E é tudo o que nós queremos.»

Desejam-na mais clara? Que leve o diabo o Papa, disem em côro os italianos. Quando os jornaes conservadores fallam assim faz-se edêa do que dirão os jornaes avançados!

Se o Papa sahe de Roma, haverá grande festa nacional em toda a Italia. E tem razão para a dar aquelle bellissimo paiz, martyr respeitado de milhares d'infamias clericas.

O sr. José do Patrocínio, illustre publicista brasileiro, acaba de dar em Paris um banquete a varios jornalistas para commemorar a libertação de vinte mil escravos na provincia de Ceará, levada a cabo graças aos esforços da Sociedade libertadora de que o sr. Patrocínio é um dos mais brilhantes ornamentos.

O sr. Schœher, eminente jornalista francez, que presidia o banquete, criticou as disposições da lei brasileira que editou como meio d'emancipação progressiva o que se chama — *liberdade de ventre*, que liberta a creança mas deixando-lhe o espectáculo odioso da escravidão de seus paes. Os deputa-

dos Gerville-Réache e Guillot, que assistiam ao mesmo banquete, censuraram asperamente a attitude do general Gordon no Soldão que está restabelecendo ali a escravatura por meios indecorosos.

A respeito d'escravatura dizem do Brasil a um jornal francez:

«Prepara-se uma revolução economica que não deixa d'assustar os quarenta mil proprietarios de 1.200.000 escravos, cuja emancipação legal e definitiva é apenas uma questão de horas. Por toda a parte, nas provincias, se organisam sociedades emancipadoras. No Rio de Janeiro, capital do imperio, já se contam 23, reunidas ha um anno n'uma confederação ou associação central.

O governo pelo seu lado, é o primeiro a procurar augmentar os recursos do fundo de libertação que creou ha alguns annos, e n'uma circular muito recente aos presidentes de provincia, promette remunerar, como já fez, aquelles que concederem gratuitamente a liberdade a certo numero d'escravos. Ao mesmo tempo a iniciativa privada arranca diariamente uma pedra ao velho edificio da escravatura.»

A protecção escandalosa concedida pelas autoridades inglesas á escravatura no Soldão está irritando extraordinariamente a Europa. Os proprios periodicos ingleses se revoltam contra a conducta infamante da Gran-Bretanha. Assim o *Daily Telegraph* escreve:

«O almirante Hewett parece julgar-se obrigado, quer em virtude d'ordens recebidas do seu governo, quer em virtude da proclamação do general Gordon, não só a castigar os seus batedores abyssinios, que quiseram pôr em liberdade os seus compatriotas, mas ainda a fazer entregar aos seus senhores os escravos que se evadiram.

Os soldados abyssinios que libertaram os seus compatriotas reduzidos á escravatura pelos egypcios foram exautorados e lançados n'uma prisão; os escravos a que se dissera que o pavilhão britannico era um symbolo de liberdade, e que se acolheram á sombra d'esse pavilhão foram entregues á escravatura!

E' certo que o bravo almirante e os seus officiaes não procederiam assim

(27) **Folhetim**

A. RANC

HISTORIA D'UMA CONSPIRAÇÃO

XIX

—Quanto sois bom em ter pensado na vossa pequena Julietta que vos ama e que sofre muito por não vos poder ver muito a miúdo. Mas vós não o acreditades. E depois, o que é isto que vós fazeis? Vós não pensais senão na vossa republica, e eu sou muito ciosa, sabeis lo bem!

—Eu sei que me sois dedicada, Julietta...

—Ah! vós chamais a isto dedicacão!

—Eu tambem vos tenho affeição: não estou em parte alguma mais sosegado, mais feliz do que n'este quarto.

—Sim, sim, comprehendo bem: não vindes aqui para me ver, nem por que me ameis, mas só para repousardes.

Rochereuil pôz-se a rir.

—Para repousar? disse elle; não, Julietta; asseguro-vos que, esta noite, para chegar até aqui tive bastante trabalho e difficuldade. A noite está tão escura como o fundo d'um poço; os muros são bastante al-

tos, e estes diabos dos proprietarios coram-nos de vidros quebrados e de bocados de garrafas. Não é pois muito commodo saltar por cima d'elles, como o provam as minhas mãos todas arranhadas.

—Tendes sangue, effectivamente! Estais ferido?

—Não... uma arranhadura quando muito.

Julietta levantou-se; tomou uma atadura de linho fino para envolver a mão de Pedro; mas antes, n'um movimento brusco, pousou os labios sobre os golpes. Disse-lhe que ella lhe queria chupar todo o sangue.

Rochereuil olhou-a com surpresa.

—Que creanceis, Julietta, disse elle. Assentai-vos e escutai-me se é possível.

—Escutai vos-hei, mas com a condição de que me deixareis tor o tamborete a vossos pés e a cabeça sobre os vossos joelhos. D'esta maneira escutai-vos-hei e estarei muito attenta.

—Julietta, a prova de que eu vos tenho mais affeição do que julgaes, é eu ter querido ver-vos esta tarde.

—Diseis isso n'um tom muito grave, Pedro. Por que quisestes ver-me antes esta tarde do que em qualquer outro dia?

—Porque talvez estareis algum tempo sem ouvir fallar de mim, e sem ter noticias minhas.

Julietta levantou-se precipitadamente.

—Ideis partir? disse ella. Aonde ideis vós? Eu quero seguir-vos. Acompanhar-vos hei; sabeis que estou costumada a viajar; portanto não incomodareis.

Rochereuil encolheu os hombros.

—Então, continuou ella vendo este mo-

vimento, permittir-me-heis ao menos que vos vá alcançar?

—Minha filha, eu não vos disse que parto, nem que fico aqui. Unicamente, que durante algum tempo não vos veria e que seria inutil que me escrevessis. E' por isto que eu quiz, como d'outras vezes quando eu partia, passar o serão junto de vós.

—Todo o serão?

—Uma parte por o menos.

—Não, todo; ou então ide-vos já. Estimo isso mais.

—E' preciso que torne a entrar a hora conveniente, Julietta.

—E' preciso tambem que façais as minhas vontades, uma vez ao menos. Demais, para que tornar a entrar? Não tornai a entrar.

—E vós é que me dareis hospitalidade, Julietta?

Ella estremeceu e tornou-se pallida, os seus labios tremeram.

—Não mofeis de mim, murmurou ella.

—Não mofe de vós, minha pequena Julietta. Não tenho grande praser, a-seguro-vos, em tornar a pernolhar na prisão, mas o sr. Descosses espera-me.

Julietta, com a sua mobilidade ordinaria de impressão d'animo, desatou uma gargalhada:

—Ah! esse vilão Descosses! Como podestes, Pedro, decidi-lo a deixai-vos sahir? desteis-lhe muito dinheiro?

—Nem um soldo. Elle abra-me a porta, unicamente para me ser agradável.

Julietta ria ainda de mais vontade:

—Oh! disse ella, isso não me espanta, vós sois um grande conquistador: ninguém vos resiste; obtendes tudo o que quereis dos ho-

mens, e tambem das mulheres. Não vences-teis vós a vossa bella dama de Puygarreau?

—Sois agora vós que mofais de mim, Julietta. Mofai á vontade, pequena; alegrome, de vos ver rir.

—Eu rio para não chorar, Pedro. Tenho o coração bem afflicto por saber que ideis partir. Que tempo estareis ausente, quereis dizer-m'o?

A voz de Julietta tinha-se tornado carinhosa. Ella tinha cruzado as suas mãos sobre o joelho de Rochereuil, e meia inclinada ahí apoiava a sua pequena cabeça fina e graciosa, com as palpebras quasi fechadas.

—Não o sei eu mesmo, minha filha. Francamente eu não vos illudo. D'aqui a alguns dias, a algumas semanas talvez, eu não serei senhor do meu tempo; não sei se estarei ali ou em outra parte. Talvez esteja na prisão, talvez me tenha afastado. Entretanto porem não deveis occupar vos d'isso, nem inquietar de mim coisa alguma. Luiz vos prevenirá de quando me podereis escrever.

—Luiz fica aqui?

—Fica.

—Quer isso dizer, disse Julietta lentamente, que ideis correr um grande perigo? A não ser assim, não o deixarieis ficar! Que ideis para Pariz e que vos ideis bater em quanto o imperador ali não está?

Rochereuil cantarelou por entre dentes.

—Cantai, cantai, Pedro, para esconder a vossa commoção. Porque me não disseis logo, como o vosso amigo aqui é, que estas cousas não pertencem ás mulheres? Todavia d'alguma coisa tenho servido, para ajudai-vos a illudir toda essa gente que vos espia.

No mez passado, quando eu andei por ahí de noite, com o vosso irmão, para distrahir a vigilancia dos agentes, não me disiam «isto não pertence a mulheres.»

—Isso é uma exprobração, Julietta? Pensa-vos de nos terdes sido util?

—Oh! não. Eu pertenco-vos, Pedro, e todo o meu desejo é que eu possa prestar-vos algum serviço... Mas porque não tendes confiança em mim? Julgaes que eu não sou capaz de guardar o vosso segredo? Tenho guardado outros! Desejaria bem saber quem seria capaz de me arrancar uma palavra quando se tratasse de vós.

—Sois uma boa rapariga, Julietta; mas se insistis, eu retiro-me immediatamente.

Ella fez movimento de se levantar. Julietta reteve-o agarrando se a elle.

—Oh! deixai-me, Pedro, deixai-me quando eu vos tenho aqui junto de mim, só para mim, durante um serão inteiro, não é tão facil como vós o julgaes. Experimentae um pouco. Eu sou forte quando o quero, e a não ser a que me façais mal... E seriais vós capaz de me fazer mal, Pedro?

Ella tomou-lhe a mão, que levou aos labios.

—Tentai, disse ella em seguida, arrancar-me a vossa mão; procurai impedir-me de a acariciar. Eis-vos agora tranquillo e submisso.

Durante alguns minutos, Julietta, não disse mais nada. Parecia recolher-se para saborear a felicidade que lhe dava a presença de Rochereuil. Não se mexia; dir-se-hia que ella dormitava. De repente abriu os olhos e olhando por o canto do olho disse:

por seu motu proprio. Devem reconhecer quanto é absurdo e, o que é mais, quanto é vergonhoso sustentar crusadeiros nas costas africanas, perto de Zanzibar, para supprimir o trafico de escravos, enquanto que em Souakim a esquadra e o exercito inglez protegem os negreiros. Como se pode conciliar tal attitudem com o caracter da Gran Bretanha? Como justifica-la aos olhos dos africanos, em face da opiniao publica no continente?

A resposta não é facil nem clara. Nunca o publico inglez presenciou uma contradicção mais espantosa e incómoda.

Lá disia já Chateaubriand:— O liberalismo inglez traja o bonet da liberdade no Mexico e o turbante em Athenas.

Vilissimo paiz. caramba!

Rebentaram desordens graves nas minas de carvão de Salgo Tarjan, na Hungria. Os operarios revoltaram-se contra a policia de que resultou ficar morto um d'elles e quatro feridos.

Em Cincinnati, nos Estados Unidos, pancadaria bravia durante mais d'um dia entre a tropa e o povo, segundo a agencia Havas. O jury não foi severo com um grande criminoso e d'ahi o furor da multidão que queria fazer justiça por si propria, o que a policia lhe impediu. Ficaram desenas de mortos e centenas de feridos no campo da batalha, porque aquillo foi uma verdadeira batalha.

Que povo!

Se a população de Aveiro seguisse o mesmo systema... ai, Jesus!... Onde estariam certos jurys que todos nós conhecemos? E o Cesar de Sá, coitado? Pobre Cesar, os cajados do Zé já o tinham redusido a pó. Mas descança, oh Cesar, que isto não passa d'uma hypothese.

Viva Deus e viva a pandega.

Ignotus.

ESCALDAS MUNICIPAES

V

Nem pareça mal cabida a epigraphe que encabeça estas linhas ao que d'ellas consta. Justificamos. Cá no regimen da Parvonia—Portugal, o galopim-mór do concelho é sempre pae do deputado, progenitor do administrador do concelho, padrao d'isto, factor d'aquillo, avô do diabo, etc.

Ora bem. Dá-se o caso que o presidente da camara da pequena Gomorra, vulgo, Sever de Vouga, é o tal... e d'ahi afira-se a moralidade dos subordinados.

Eis o caso:

Havia na freguezia de Roccas, d'aquelle concelho duas pobres mulheres cujos maridos do Brazil lhes haviam mandado o peculio resultante das suas suadas economias. Um malandrão visinho rouba o dinheiro ás mulheres, fazendo alem d'isso uma limpa geral á casa. Levanta-se auto de baixo de fortes indiciações. O ladrão treme, põe

os seus agentes em campo e... tudo se arranja mediante a passagem das esterlinas de mão... para mão. (De pois diremos de quem.) A auctoridade respectiva susta a remessa do aucto, e as auctoridades de Sever do Vouga deixam escapar para o Brazil o ladrão.

O ladrão?... mas quem é n'este caso o ladrão, ou ao menos, o ladrão maior, o ladrão por excellencia? E' o individuo que penetrou em casa das roubadas ou as pessoas que o auxiliaram na fuga? A nós nos parece que demonstraremos que são estas sem necessitar para isso grande argucia nem subtil dialectica.

Isso faremos brevemente bem como a denunciação do segundo acto da comedia de infamia que não é menos asqueroso do que o primeiro.

X

CARTAS

Lisboa, 4 de Abril.

Realizou-se no domingo a cerimonia civil da trasladação dos restos mortaes do mallogrado José Fontana para o jazigo que a Associação dos Trabalhadores lhe mandou construir por subscrição publica no cemiterio occidental. E-me impossivel dar aos leitores uma edêa aproximada da imponencia d'aquelle acto grandioso. Foi uma manifestação extraordinaria, verdadeiramente grande, das mais bellas a que tenho assistido. Creio que os leitores não me taxarão d'exagerado, porque julgo que me farão a justiça de me ter por imparcial e frio na apreciação de todos os homens e de todos os acontecimentos, como já tenho provado; mas se alguma duvida podese ter sobre a imponencia da manifestação de domingo passado bastaria a leitura da noticia que a tal respeito escreveu o *Diario Illustrado* para perderem completamente as ultimas illusões.

O *Diario Illustrado*, clerical e ultra-conservador, é um periodico que nunca perdeu occasião de achincalhar as manifestações republicanas. Como verdadeiro orgão do Paço que é, tem interesse em lançar o desprestigio sobre os actos publicos da democracia portugueza, no que, valha a verdade, não descança um instante. Porem, tão brilhante foi a cerimonia da trasladação dos restos do amigo illustre das classes operarias que o orgão da Ajuda, ferido pela consciencia n'uma hora de justiça, declarou aberta e francamente:— «Sim, senhores, aquillo foi extraordinario. Estavam no cemiterio doze mil homens, que offereciam á vista um espectáculo lindissimo e que prestaram a devida homenagem á memoria d'um socialista honrado com ordem e socego admiraveis.»

Fallou uma vez verdade na sua vida, louvado seja deus! Eu não posso descrever a manifestação de domingo, porque o *Povo de Aveiro* não pode pôr todas as suas columnas á minha disposição e todas ellas eu encheria a di-

ser todo quanto deveria diser. Portanto só digo isto:— Se quem me lê nas provincias, n'uma terra como Aveiro ou outra qualquer d'essa cathogoria, é capaz d'avaluar a grandesa, a força, a imponencia d'uma manifestação funebre de doze mil homens, que vão a um cemiterio n'um recolhimento austero prestar a derradeira homenagem de consideração e respeito a um morto, terá feito edêa do que se passou no domingo em Lisboa.

Ah! como esta terra me consoa o espirito, quando presencio as grandes manifestações democraticas nas ruas e na urna! Lisboa é profunda, essencialmente republicana e livre pensadora e é essa a maior gloria do nosso partido. Em nenhuma capital da Europa ha manifestações republicanas mais sublimes, que mais firmam a curiosidade do viandante e do observador longiquo ou de perto. Aqui, disemo-lo com orgulho, com verdadeira alegria, só nós os republicanos temos força sobre a opiniao e só nós somos capazes de entusiasmar e dirigir. Os monarchicos até para fallarem nos comicios necessitam da salvaguarda protectora dos republicanos para não serem apupados ou corridos á pedra, como succedeu na Salamancada.

No domingo, estiveram no cemiterio quasi todos os chefes conhecidos do partido republicano. Um dos que fallaram, e cuja ausencia se notou muito, foi o sr. Silva Lisboa, ex-demagogo e ex-socialista, hoje o maior amigo dos burgueses. Disem que *estava doente*, e mesmo que o não estivesse eu acho coherente a sua ausencia. Um inimigo *enragé* dos socialistas, apostata ou não, não se deve associar a uma manifestação promovida pelos socialistas e que teve, sem duvida, um perfeito caracter republicano radical. Outro tanto não direi do sr. Elias Garcia. Este é que foi incoherente de veras indo associar-se a um acto radical, quando elle é um conservador ferrenho. Ou se é conservador ou se é radical, e então assiste a cada um o dever da coherencia estrita, e de afirmar bem alto e portadas as formas as suas respectivas idéas e principios. O sr. José Elias é um empalmador... Muito curioso tambem foi que o sr. Gomes da Silva prounciasse um discurso laudatorio junto á campa d'um amigo tenaz do quarto estado, quando ainda não ha muito condemnou o quarto estado e os avançados n'uma conferencia publica! Curiosissimo, emfim, que um qualquer *dilettanti* do café Suizzo ou Lisbonense do Porto, atacasse em artigo de fundo os socialistas n'um jornal democratico d'aquella cidade tres dias depois de todo o partido republicano de Lisboa, como se vê, confraternisar no cemiterio com os socialistas.

Que *degringolade!*

Pobre d'este paiz, se no partido republicano não houvesse ainda muita gente boa como ha e muita gente nova com seus principios e suas aspirações. Da chefatura está metade eivada dos peiores vicios monarchicos.

O *Povo de Aveiro* foi representado pelo nosso bom amigo Terra e os republicanos d'essa cidade pelos nossos

queridos amigos Manuel Marques de Almeida Junior, Manuel Duarte de Figueiredo, Manuel Nunes Ferreira e João Ferreira.

Disia-se que seria hoje apresentado ás camaras o projecto de reforma penal, vulgo — *lei das rolhas*. Francamente, nunca esperei que o governo de sua magestade tivesse coragem para apresentar ao parlamento aquella infamissima lei, mais uma vergonha e um opprobrio para a monarchia dos braganças. Mas vejo que a corja ministerial está petulante, atrevida e arrojada. Pois é preciso dar-lhe para traz e a valer. Convem mostrar a esses reptis do Paço que se não espesinha facilmente a liberdade.

Até hoje, a unica cousa que a monarchia tinha de illusorio era a licença absoluta em que deixava viver o paiz e a que ella pomposamente chamava liberdade. Que lhe resta agora? Se o corcunda retalha a pouquissima liberdade real e efectiva que possuimos, com que ha de a realisa pretender enganar o povo?

E', pois, bom que passe a tal lei das rolhas. Eu sempre disse, e n'isso estou crente, que era difficil uma forte organização revolucionaria em Portugal enquanto não viesse a perseguição do poder. Só então poderiamos preparar-nos para dar o golpe fatal na monarchia. Bem vinda, seja, n'esse caso a lei das rolhas, porque eu não escondo as minhas sympathias pelos processos revolucionarios.

Entretanto, como democrat, como homens de governo, devemos encetar uma campanha legal e energica contra o vilissimo attentado do Paço ás regalias publicas. Seria um erro presencearmos de braços crusados o estrangular da liberdade, porque os revolucionarios só são revolucionarios por lhe não darem os meios legaes, escrupulosamente observados, de fazerem triumphar os seus principios. Somos revolucionarios porque nos roubam escandalosamente na urna e nos cadernos do recenseamento, porque nos repellem autoritariamente em todas as questões legaes. Trabalhemos nas trevas pela liberdade porque não podemos trabalhar á luz. Então avante em defesa das ultimas franquias. Aos comicios, á luta legal como protesto derradeiro, mas protesto de tal ordem que não deixe duvidas de que é o poder que nos arrasta aos ultimos extremos.

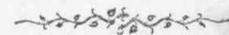
—Começou a sua publicação diaria a *Era Nova*. Que seja bem vinda e tenha largos annos de vida.

—Parece que o tratado do Zaire entrará em discussão na camara dos deputados logo depois da Paschoa.

—Passa por averiguado que os granjolas estão definitivamente de mãos dadas com os regeneradores.

Para lhe apanharem circulos e empolgarem o poder com a protecção do Fontes estão-se sujeitando ás ultimas abjecções. Que miseraveis!

Y.



XXI

«Den-sea batalha das nações eo exercito francez foi derrotado.»

Nós disemos: «a batalha de Leipsig.»

Os Allemaes tem razão. No dia em que era vencido Napoleão, triumphavam os povos. Napoleão só era o vencido! Não, era a França com elle, e isto era justiça! Era justiça por que tudo se paga, e porque assim as fraquezas como os crimes, teem o seu castigo. E' a condemnação dos povos a quem fallou o animo e que se abandonou a pagar as faltas do senhor a quem entregaram a patria. Seria demasiadamente commodo, se a nação tivesse o direito de se desobrigar da politica do seu governo. Nós temos de sofrer aquillo que podiamos ter impedido: não nos lastimemos se a responsabilidade recae sobre nós.

Beranger, n'uma das suas canções de 1815, fazendo allusão a um dito muito conhecido então, de Wellington, põe a nota: «no tempo do roubo das obras primas do Museu, Wellington pretendeu ou affirmou que tinhamos necessidade de uma lição

NOTICIARIO

Foi inponentissima a manifestação de respeito e saudade do partido republicano lisbonense pelo mallogrado José Fontana.

Cerca de doze mil pessoas—para mais que não para menos!—reuniram-se, no domingo, no cemiterio Occidental, afim de prestar uma derradeira homenagem á memoria de José Fontana, o valoroso e intrepido apostolo do principio associativo, em Portugal.

Poderiamos chamar aquella manifestação uma verdadeira romaria de piedade ao tumulto do varão prestante e util, que tão cedo se finou para as luctas de democracia e da revolução, n'este paiz. Foi, em tudo, uma solemnidade digna do nome, que se consagrava e do povo, que comprehendia o seu dever!

Era extraordinario o aspecto do cemiterio. Por entre os cyprestes com o seu verde-negro sombrio destacava-se, como que uma nuvem negra e compacta: tal era a concorrencia e tão numerosa!

A's cinco horas desfilou o prestito da casa do deposito, á entrada do cemiterio, para o jazigo levantado áquelle honrado trabalhador, ao fundo da antiga rua n.º 6.

O mausoleu é singelo, mas eloquentissimo. Umas columnas, encimada por um braço, verticalmente collocado sustenta um facho, onde se lê o seguinte distincto:—*A'vante!*

Preito de saudade, tributo de gratidão dos trabalhadores portuguezes a José Fontana, não podia o monumento estar mais em harmonia com a vida do homem, cuja memoria ali se comemorava, uma vida cheia de abnegação e de trabalho obscuro, sim! mas utilissimo...

O prestito era composto de 70 associações, e viam-se n'elle representadas as redacções da *Discussão*, do Porto, pelo sr. Silva Graça, do *Povo de Aveiro*, pelo sr. Thomaz da Terra, da *Republica Federal*, de Ponta Delgada, pelo sr. Antonio Fortado, do *Povo Portuguez*, pelo sr. Reis Damaso, do *Antonio Maria*, pelo sr. Gomes da Silva, e da *Democracia*, pelo sr. Elias Garcia.

A beira da campa oraram os srs.: Nobre França, Souza Brandão, João Ramos, D. Angelina Vidal, Luiz de Figueiredo, Magalhães Lima, Dupont de Sousa, Gomes da Silva, uma irmã do finado, e Sebastião Bacam.

Sob o titulo—*Uma Ilusão de Venesa*, escreve sobre Aveiro o nosso collega do *Diario de Noticias*:

... Depois installámos o nosso escriptorio de expediente nos quartos do 2.º andar do hotel *Cysne do Vouga*, mantido por D. Maria Carolina Christo e seu marido, estabelecido sobre a ria, casa nova, alegre, inundada de luz, mobilada, e guarnecida com mobilia, nova, simples e asseada, alegre, servida com asseio e abundancia, e por pessoas bem educadas, convenientes e de bons modos, sem que nos levem nada mais por isso. Preços em extre-

ral.» Por certo, Wellington dista a verdade. Nós tinhamos necessidade de uma lição; mas a que nos derão n'aquella epoca não nos aproveitou nada. Não se quiz mesmo comprehender que o roubo das obras primas não era senão uma restituição que nos obrigavam a fazer. Durante quinze annos que nos saqueamos a Europa d'um extremo a outro: o Louvre estava cheio de estatuas, de quadros emprestados sem consentimento dos seus donos. Nada ha mais legitimo, disiamos. Mas a hora da desgraça souo, e, como diz Béranger, assim como os cavallos dos cossacos vem beber em todo o tempo ao Sena revoltoso, os estrangeiros entraram no Louvre, apoderaram-se das obras de arte que não nos pertenciam e retomaram o que era seu. gritamos então como gatos assanhados; lamentamos-nos por uma tão odiosa profanação; sustentamos eloquentemente que o «silo das artes tinha sido violado. Isto é admiravel! Trataram-nos uma só vez como temos tratado os outros durante quinze annos e gritamos que o direito foi ultrajado em nossas pessoas. Foi pe-a que a reivindicção dos estrangeiros só tivesse alcançado em nossas pessoas. Foi pe-a que Wellington tivesse feito uma visita a casa do marechal Soult, obrigando-o a restituir o ali tinha! A em de que isto teria sido um acto de boa justiça, o Louvre não teria mais tarde adquirido, envoltos n'uma camada espessa de bilhetes de banco, obras medievales do Murillo!

Continua.

—Jurai-me, que não está eminente sobre vós um perigo de morte.

Rochereuil não ponde deixar de rir.

—Julgava que já não pensavos n'isso, disse elle. Ah! não ha como as mulheres para insistir n'uma edêa. Que vos jure que não corro um perigo de morte? Eu não juro nunca.

—Pois bem, disei-me simplesmente, sem desviar os olhos, com a vossa mão entre as minhas, disei-me: «Minha pequena Julietta, eu estou bem seguro de que te não vejo por a ultima vez; eu te prometto que voltarei a este quarto; eu te prometto que tu tornarás ainda a repousar a tua cabeça sobre os meus joelhos!»

Rochereuil ficou silencioso.

—Ah! vós o vedes bem, disse ella, animando-se, vós o vedes bem, vós não onsaís prometter, não onsaís mentir!

Rochereuil estava mais turbado do que queria parecer, e mesmo do que elle julgava. Julietta irritava-o e contido elle não teve a idea de se levantar e de a repellar. Ao contrario, abraçou-a e fallou-lhe com meiguice como a uma creança a quem se quer fazer comprehender a razão.

—Tu serias pois muito infeliz, minha pequena Julietta, se eu não voltasse? Nota porem, aqui, estou na prisão, e não te posso ver quasi nunca. Não desejas tu que eu seja só teu, diz? Pois bem, em alguns dias, eu estarei livre.

—E' isso verdade? disse ella.

—E' verdade. E eu virei então aqui tantas vezes quantas tu quiseres.

—Oh! eu conheço-vos bem; diseis isso para não contrariar-me. Eu não vos acredi-

to: Demais, logo que podeis sahir da Visitação porque não sahis por uma vez? Esconder-vos-heis algum tempo, e depois passareis á Inglaterra. Se quereis, eu sei onde vos esconder. Quereis?

Rochereuil fez um signal de cabeça negativo.

Houve então um momento de silencio. Julietta tinha-se abandonado nos braços de Pedro, e o seu coração batia como o de uma pequena ave que se tivesse na mão.

—Tu não fallas mais, Julietta, tu estás agastada? disse-lhe elle muito baixo.

—Não, respondeu ella, mas tenho aqui anciedade!

E ella pousou o dedo sobre o coração. Via-se que ella ia desataram se'uros.

Rochereuil então levantou-a até si e tocando de leve os seus cabellos com os labios, murmurou:

—Tu amas-me, pois, Julietta?

«Estas palavras foram ditas em voz muito baixa; apesar d'isso ella ouviu. Levantou os olhos um instante, depois abaixando-os em seguida, e deixando cair a cabeça sobre o hombro de Pedro disse mais baixo ainda:

—E vós não me achaeis muito feia?

XX

No dia seguinte, que era o mesmo em que os cinco individuos a que se referia a carta do srs. Drault para o ministro da policia, tinham sido presos no hotel dos Trez Pilares antes de continuar o seu caminho. Rochereuil encontrou no correio da prisão, o nosso amigo e honesto Descosses.

—Nós temos, lhe disse elle, o abade e

eu uma communicação muito urgente a fazer-vos, senhor carcereiro.

Descosses empallideceu.

—Que ha ainda? murmurou elle. Não basta que...?

—Quereis diser: Se não basta que eu a noute passada vos tinha pedido para me abrir a porta? não, senhor Descosses, não basta; reuni a vossa coragem... Ides ter o desgosto de nos perder. O abade e eu vamos deixar-vos; partimos esta tarde para uma pequena viagem, e como não vos quero enganar, já vos declaro que estaremos por o menos dez dias longe de vós.

—Mas, isso é impossivel! Eu estou perdido! balbuciu o carcereiro.

—Não é impossivel, nem estaeis perdido. Em primeiro lugar ninguém virá pedir para nos ver. Minha mãe ausentar-se-ha para que a interrupção das suas visitas não pareça estranho. Restam as auctoridades, o sub-perfeito e o sr. Drault. Ah! se elles se apresentam, estaeis vós apanhado. Mas nota que elles tem vindo aqui apenas duas vezes depois que nós estámos presos. E' um jogo que gira. Tendes a escober entre este risco e as galés. Quando mal antes perder o vosso lugar. Deveis ter feito o vosso pecculo, senhor Descosses, e depois podereis continuar o vosso commercio noturno. Finalmente eu tenho muita pena de vos ser desagradavel, mas nós partimos esta noite. Estamos entendidos, não é verdade?

O sr. Descosses levantou os braços para o céu. Elle tinha vontade de chorar.

—Ao menos disei-me quando voltareis, disse elle com voz de piedade.

—O sr. Rochereuil já vos disse, que o me-

me rasoaveis. 85000 réis por dois, durante quatro dias, com extraordinarios, serviço no quarto, vélas á descripção. Em qualquer cidade para além dos Peryneos só de velas nos teriam metido na conta esta verba: bougies 10 francos; e depois outra: service 4 francos; e ainda esta: extraordinaires 16 francos, e arredondavam a conta com outras verbas até exceder o dobro. Quando a gente ali chega á janella acha-se em pleno golpho veneziano. Olhando-se para baixo, vê-se a agua n'uma vasta extensão, contida pelo grande canal, onde os barcos passam por baixo das pontes, carregados de sal e de molicho. Ao fundo ha tambem uns arcos a lembrar-se, — que extravagante idéa, — os da praça de S. Marcos, e á ponte que liga os dois lados da cidade tambem se lhe pôde chamar, sem erro, dos suspiros, porque não é raro ouvir ali suspirar os amantes, quando as castas sombras da noite tornam discretos os mais abertos soalheiros.

Uma manhã fomos n'um barco da alfandega, em companhia do chefe da delegação e do guarda-mór do porto, e do nosso excellente companheiro, o homem honesto e corajoso que maiores serviços tem prestado á administração aduaneira e á moral d'ella, percorrer o grande canal até á ponte de Gafanha. O ar estava sereno. A temperatura moderada. No céu viam-se apenas ligeiras nuvens brancas, uns cirrus de formas caprichosas e sonhadoras, fadas, anjos, gnomos. O canal de alveraria e extenso, termina em duas pyramides ponteagudas. A agua é placida e limpa. Não a turvam certos detritos organicos que ás vezes impurificam o canal da rainha do Adriatico e lhe tiram o encanto e a poesia. O meu companheiro, que já la vogou nas negras gondolas, confirma-o, e exalta a formosura do rio. O que falta aqui é o magnificante aspecto dos grandes e solemnes palacios e templos historicos dos doges, de Lucrecia Borgia e outros tantos poderosos senhores, edificios ogivais, mouriscos, bizantinos, rendilhados, atrevidos, de mil columnas, cheios de immortaes telas, o *Paraiso*, e o *Milagre de S. Marcos* de Tintureto, o *Juizo final* de Palma, o *Roubo da Europa*, do Veronese, *A Assumpção* de Ticiano. Mas temos o mesmo bello céu, o mesmo clima salutar e doce. Um de nós relembra o carnaval de Veneza

L'amour, ó pauvre masque,
Ne peut, ne peut s'improviser.

—As gondolas são negras como os tenebrosos dramas que n'ellas d'antes se passavam, e os estofos que as forravam estão rotos como todas as brilhantes tradições do passado n'aquella idade outr'ora encantadora e terrivel.

Ai suspirou da prôa um dos companheiros de passeio que vestia a fardada da marinha real portugueza: não falemos em tradições rôtas!

—Tem razão, tornou o feliz que ia deixando prender-se nas recordações de Veneza.

Uma das tristezas que ali se revelára ao embarcar era que o guarda-mór da barra de Aveiro, para navegar na via e ir á barra exercer qualquer das funcções do seu cargo, não tem ao menos um escaler com dois remadores ás suas ordens! E' guarda-mór da barra, e não tem em que transportar-se para desempenhar as suas attribuições! E anda tudo assim. Nós pontos aqui como lembrança á boa vontade do sr. ministro da marinha que salve d'esta vergonha o digno official da armada a quem foi concedido tal cargo. Dá ao menos, um escaler com dois remadores ao guarda-mór da barra de Aveiro, que não ha de ir a nado, ou a burro acudir a um sinistro, tomar uma providencia na barra!

A margem é toda cheia de marinhas, que branqueiam eluzem ao sol. A vista da ria na ponte da Gafanha é pittoresca.

Aveiro tão formoso como é, poderia realmente sêr uma grande cidade, primeira estação de recreio do paiz, se não fora a imbecillidade dos *maneis firmios* e a indolencia, a incuria criminosa dos homens da praça. Mas como o povo os tolera, e tolera-los-ha por muitos e largos annos ainda, Aveiro não passa d'uma — cidade com bellezas naturaes extraordinarias, porem n'um estado de abandono que nos envergonha deveras aos olhos dos estranhos.

Adriano Pereira da Cruz, um dos nossos mais estimados patricios, succumbiu na segunda feira aos effeitos d'uma tísica pulmonar, que já ha tempo lhe minava a vida.

Adriano Pereira da Cruz era um moço geralmente bemquisto, mas a lei fatal alcançou-o ao desabrochar da juventude, arrebatando-nos aquelle bello conterraneo. Transluzia-lhe na frente, sempre serena e melancolica, um soffrer intimo e acervo, a prostração precoce, que abrevia a existencia quando na idade das esperanças e das illusões, o destino se compraz em esboçar, pedra por pedra, lenta e tenazmente, todo o edificio que a imaginação ardente da mocidade sabe conceber. E atravez aquella serenidade de semblante deixava-se traduzir uma alma generosa, impregnado de sentimentos nobres e puros.

A seus bons paes e irmãos enviámos d'aqui o sentimento do nosso pezar pela dôr profundissima, que ora os lanceia.

O correspondente de Paris da *Fo lha Nova*, occupa-se n'uma das suas ultimas cartas, exclusivamente do nosso fallecido patricio Manuel de Mello.

Enche-nos de orgulho que um homem, que foi uma das glorias d'Aveiro, soubesse pela sua força de vontade, subir tão alto, merecendo da imprensa portugueza e brasileira as mais sentidas expressões de saudade pelo seu prematuro passamento.

Se tivermos espaço transcreveriamos na integra a correspondencia, a que nos referimos.

Na terça feira succedeu em Verdelimilho, suburbios d'esta cidade, um desastre horrivel.

Luiz Rodrigues Crespo, chegado ainda ha pouco tempo do Brazil, estava no aido de Antonio Dias Pereira a apontar uns paus com um machado, e n'uma posição que não viu uma criança de dois annos aproximar-se-lhe das pernas no momento em que Luiz Rodrigues Crespo descarregava um golpe que acertou na cabeça do innocente matando-o instantaneamente. Crespo ao ver o infeliz morto foi acometido por uma syncope, e caiu junto do cadaver. Aos gritos da afflita mãe do pequeno, accudiu a visinhança que fez transportar o homem para sua casa, onde se acha gravemente enfermo, receiando-se muito pelo seu estado intellectual.

O sr. Eduardo de Lemos, que se acha actualmente em Paris, fenciona, em nome do Gabinete Portuguez de Leitura, mandar collocar uma lapide sobre o tumulo do nosso patricio Manuel de Mello, enquanto o seu cadaver jazer no cemiterio de Milão.

Reappareceu na arena da lucta o nosso prezado collega *A Era Nova*. Motivos justos fizeram suspendel-a algum tempo, voltando agora para o campo mais refeita de forças e mais vigorosa.

Seja bem vindo.

Segundo um telegramma de S. Petersburgo, rebentou em Vrieff um novo movimento popular contra a infeliz raça israelita. As tropas tiveram que abandonar aos sublevados uma parte da cidade.

O jornal progressista da localidade pede á auctoridade ecclesiastica providencias para o acto do prior da freguesia de Neriz ter negado a communhão a um seu parociano por este ter votado contra elle n'umas eleições!

Consta-nos que este padre tem uma vida cheia de manchas, mas como elle tem muitos collegas e não achamos justo que o prelado da diocese, se tiver de o castigar, deixe em paz outros, que o publico accusa de crimes abominaveis. Limpe, limpe o seu bispado d'esses reprobos, que lhe asseveramos não ser tarefa de pouco trabalho.

Inaugurar-se-ha delinitivamente no dia 4 de maio proximo na real tapada da Ajuda a exposição agricola de Lisboa.

A exposição tende a ser uma revista geral da actividade agricola do

districto de Lisboa e de outros districtos que se lhe associam n'esta demonstração dos seus esforços pelos aperfeiçoamentos das respectivas industrias, e pretende-se obter n'ella, especialmente, a exhibição dos typos autenticos dos vinhos destinados ao commercio exterior, o estado de desenvolvimento e aperfeiçoamento das especies pecuarias, tendencia da industria da criação dos gados, e typos das melhores charruas vinhateiras. É dividida em oito grupos, que abrangem: vinho, bebidas fermentadas e seus derivados, productos alimentares, animaes domesticos, motores e machinas agricolas, adubos, construcções rurais, ornamentares e hydraulicas, cultura e exploração florestal e instrucção agricola. Abrirá com uma exposição de flores.

O governo de sua magestade concedeu para premios pecuniarios e medalhas 5:000\$000 réis, e o conselho de agricultura do districto de Lisboa votou um premio especial de 300\$000 réis para recahir n'uma manifestação de interesse directo e immediato do districto.

A Relação do Porto não deu provimento a nenhum dos agravos interpostos pelo celebre criminoso *Faca de Matto* nos processos que contra elle estão instaurados na comarca de Taboá.

«Publicou-se o numero 9 do segundo anno do semanario illustrado de que são redactores Antonio Cruz e Gualdino de Campos, *A Mosca*.

O presente numero apresenta-se illustrado com o retrato de Carlos Relvas.

A Mosca assigna-se na rua do Mirante n.º 9 e custa por trimestre 250 réis.

Na freguezia de Villaça, de Braga, houve grande tumulto no domingo passado por causa do enterramento de um cadaver que foi dado á sepultura na igreja, contra a ordem da respectiva auctoridade.

O povinho não quiz que o enterramento se fizesse onde o regedor determinára, e d'aqui o tumulto.

Figuraram principalmente n'esta baralha trez mulheres, que foram as que conduziram o cadaver para a igreja.

O correspondente de Braga para a *Discussão* conta o seguinte caso:

«Um allemão lembrou-se de estabelecer uma fabrica de cerveja na rua da Ponte: o encomendado da respectiva freguezia tratou logo de saber se o homem era ou não catholico, e, como o não fosse, taes coisas disse e fez que ninguém quiz arrendar casa ao allemão!

Este, quasi desanimado, lembrou-se de um prompto expediente; foi procurar os padres jesuitas do collegio do Espirito Santo e pediu-lhes que o fizessem catholico! Estes aceitaram entusiasmados tão agradável marisco, e o bom do homem depois de fazer algumas penitencias, será brevemente catholico e poderá estabelecer uma cervejaria na santa e augusta Braga.

E' um bom apontamento para a historia religiosa d'esta cidade e um documento de santidade passado já em vida ao *beato* encomendado de S. Lazaro.»

⊗ Durante o anno de 1883 os feis compraram perto de 85 centos de reis, de bulas, escriptos, etc.

O Porto comprou 191:711; Lisboa 124:715; Algarve 31:566; Angra do Heroismo 117:475; Aveiro 44:588; Beja 10:995; Bragança 72:183; Castello Branco 13:603; Coimbra 121:300; Elvas 3:933; Evora 14:736; Funchal 52:267; Guarda 59:213; Portalegre 5:821; Lamego 102:432; Leiria 37:407; Pinhal 36:771; Vizeu 46:879!

Que milhões de pecados não foram perdoados por a bagatella de 85 contos! O pobre Satanaz deve ser o maior inimigo dos padres, que o lesam na sua industria. Summamente ridiculo.

O Districto de Leiria entrou no terceiro anno da sua publicação. Os nossos parabens.

Por infelicidade será sempre para todos nós um segredo o momento fatal em que termina a nossa existencia; e a morte vem, a todo o instante, surprehender-nos, como se nos não fora tão natural como a vida.

Ha pouco ainda, pranteámos aqui o finamento da Ex.^{ma} Snr.^a D. Roza Pereira da Cruz, na primavera da idade; e aquella desgraça inesperada fora um abalo mortal na vida de seu dilecto irmão, e nosso amigo, Adriano Pereira da Cruz.

Esta existencia, de ha muito já condemnada por uma tísica pulmonar, que o colthera em meio da sua carreira litteraria, onde mostrára uma assás robusta intelligencia, tombou como que cortada por aquelle golpe; e Adriano Pereira da Cruz, em 31 de março preterito, finou-se de 20 annos de idade, — precisamente trez depois da morte de sua irmã, em 31 de dezembro de 1883.

A sua morte foi verdadeiramente sentida.

Aquelle infeliz moço alim'ara por muito tempo a esperança d'um restabelecimento proximo, porque, felizmente, chega muitas vezes a esperança a dominar-nos a razão; mas a morte da irmã querida, com identica molestia, pôz a razão acima d'aquelle sentimento, e por vezes o vimos fugir desiludido, de toda a consolação, sem querer já junto de si os amigos, que lhe faziam mais vivas saudades que levava da vida.

Sobre o seu gelido cadaver acaba de cerrar-se a lousa da sepultura; mas não poderá o tempo, em seu sepulchro profundo, apagar-nos da memoria as suas grandes virtudes, nem esconder as saudades que aquelle amigo nos deixou.

Paz á sua alma.

A. M.

O arrematante das barracas da feira de março obstinado em não abdicar facilmente a sua vontade, sempre levou por deante o seu proposito exigindo a uma grande parte dos negociantes maior preço pelas barracas do que o a que estava auctorizado por a camara. Dizemos a uma grande parte d'elles, porque aos que se eximiram pagaram só o que deviam pagar, sem que o sr. Mesquita insistisse na sua escandalosa pretensão, o que prova que ha da parte de s. s.^a a mais requintada má fé e inculca certamente uma consciencia pouco escrupulosa nos meios de querer auferir indevidamente proventos.

Que diz a isto a camara? Acha honesto este procedimento que devia corrigir não consentindo que o sr. Mesquita lesasse a esses individuos que veem de tão longe á feira de Março, tendo despezas certas e lucros incertos? A' camara, a quem os pobres explorados se queixaram da extorsão, é que competia providenciar, mas fez ouvidos do mercador e consentiu que o arrematante embolsasse os cobres, em detrimento dos feirantes.

Nada remediamos com expor ao publico estes caracteres, bem sabemos, porque os miseros que foram comidos podem perder as esperanças de receber o seu dinheiro; mas não podemos calar a nossa indignação ante esta torpeza.

Pouca vergonha!... Que desafforo!... Que elasticidade de consciencias!... Que baixeza de sentimentos! Afira-se por isto a moralidade d'esta gente.

Construiu-se ultimamente em Schefiel o maior wagon que se conhece.

Mede 18 metros de comprimento, 2,82 de largura e 2,82 de altura; a entrada é um salão de fumar de 7,20 de comprimento e 2,8 de largura. Tem um refeitório com duas mezas e aparador, que á noite se transformam em camas; sala para senhoras perfectamente confortavel, quarto para banho e habitação de serviço.

Segundo noticias de Kieff (Russia) houve alli uma grande refrega entre a policia e os terroristas. A policia surprehendeu uma imprensa clandestina, e os operarios pertencentes todos ao nihilismo, receberam a tiros os agentes da autoridade, logrando estes prender seis dos typographos.

Como deve ser triste a vida do czar de todas as Russias, no seu palacio de Gatchina, transformado em fortaleza!

A vida sedentaria do imperador oppõe-se á sua constituição robusta e vigorosa, e os medicos aconselham-lhe o movimento.

Ultimamente, cedendo ás instancias dos medicos, decidiu aceitar o convite que lhe fizera o conde Vorontsoff-Daschkoff, seu ministro, para ir caçar nas suas terras de Gamboff. Aprestou-se tudo, partiram os caçadores e as matilhas, pelo caminho de ferro de Novetomnikova; o general Tscherevine com os seus agentes foi encarregado de vigiar pela vida do imperador. Mas quando tudo já se achava a postos, o imperador não partiu, adiou a viagem!

E o czar de todas as Russias deixou-se ficar encerrado e triste, no seu palacio de Gatchina, transformado em fortaleza!

Eis um Nero do seculo XIX, que não dá um passo onde não imagine encontrar um nihilista.

Assim o quer.

Um correspondente de Lisboa para um jornal do reino visinho diz a proposito do novissimo tratado anglo-luzo o seguinte:

«E o mais notavel é que o partido republicano, que tanto combateu o tratado de Lourenço Marques, e que tanto partido soube tirar d'aquelle disparate governamental, convocando o povo para os comicios e agitando energeticamente a opinião publica, perma neça agora n'uma attitudé mais tranquilla, adormecido, frio, indifferent ante o convenio do Zaire, muito mais ruinozo do que o anterior.»

O correspondente ou anda mal informado, ou não lê os jornaes republicanos. A opinião está por demais agitada, e só espera o momento opportuno para protestar nos comicios ou por outros meios d'ocasião. Logo que o tratado principie a ser discutido nas camaras, o paiz saberá appor a sua vontade á dos traidores da patria, creia-o.

O vapor inglez *Caledonia* encontrou no mar, abandonado, com grandes avarias no casco e nas caldeiras o paquete francez *Chateau Margau*, e conduziu-o ao porto de Halifax.

O capitão do *Caledonia* exige a exorbitante quantia de 250 mil francos pelo reboque, em que gastou 48 horas.

No logar competente vae um annuncio do sr. Joaquim de Carvalho Porto, de Coimbra, com um grande estabelecimento de moveis na rua do Quebrado-Costas, 26—42, um dos que foi premiado na ultima exposição industrial d'aquella cidade, e para o qual chamamos a attenção dos leitores.

A bordo da galiota *Stephen J. Folcks* que sahiu de Elisabethport para Boston, tiveram lugar scenas terriveis.

Os mastros e as enxarcias cobertas por grossa camada de gelo, o porão com dez pés d'agua, a tripulação inanimada pelo frio, e o capitão, completamente doudo, amarrado por ter tentado matar a tiro os pobres marinheiros!

Foi assim que o navio baleeiro *Mary S. Hontact* encontrou a galiota *Stephen* no alto mar, recolhendo a tripulação, que transportou a Boston.

E' universalmente sabido que somos nós os que gozamos de mais sympathia entre os indigenas africanos, mas os Brights, que são a incarnação do mais genuino caracter inglez, não podem admitir tal preponderancia. Chamam-nos negreiros, e em vão tentam indispor-nos com o gentio, dizendo que o exploramos, que andamos sempre ao sepopo com elle, etc.

E' insuspeito o testemunho d'um inglez, o sr H. Johnston, que acaba de percorrer todas as nossas colonias d'Africa occidental, n'um discurso lido na *Society of Arts*, de Londres, publicado no jornal d'aquella sociedade:

«Algumas pessoas em Inglaterra accusam os portuguezes de conservarem os seus subditos negros em completa ignorancia. Esses injustos e precipitados criticos ficariam surprehendi-

dos ao encontrarem á distancia de 500 milhas da costa, indigenas que foram ensinados em escolas portuguezas e que sabem ler e escrever portuguez com correcção. Causa realmente admiração ver quantos negros de puro sangue ha na administração luso-africana.

«Se eu fosse negro, preferia infinitamente antes ser vasallo de Portugal, do que de qualquer das outras potencias maiores. Que a dominação portugueza deve ser acceitavel ao africano, demonstram-o as guarnições quasi nominaes com que se conservam as vastas possessões, a ausencia de contentas e disturbios e o facto de que o exercito que defende aquelles paizes da desordem é autochthone e composto de indigenas do sólo.»

A MEMORIA DE ADELINO AUGUSTO CERVEIRA

MEALHADA

Quadra dos vinte annos!... primavera da vida, vestibulo refulgente d'um palacio de fadas, idade em que achamos mais aroma ás flores, mais magestade grandiosa ao sol; em que vemos um anjo em cada mulher, um amigo em cada homem e poesia em tudo... em que o coração se livra doudejante n'uma atmosphera plenissima d'amor por tudo e d'esperanças successivas, indefinidas, embriagadoras... como és bella!... como és attrahente!...

Morrer aos vinte e dois annos... estranho e horroroso contraste, quasi escarneo do destino.

E, quem sabe? a morte é talvez o descanso. O mysterio que a circunda aterra-nos, é certo; mas os umbraes da eternidade são talvez o vestibulo da estancia da luz e do amor, as praias maravilhosas do portentoso oceano da verdade e da felicidade, cujo centro é o empyrio, o assento da corte da realza dos mundos, dos côros e das gerarchias, e cuja linna equinoctial é Deus immutavel.

Quem sabe o que a morte nos esconde?

Qual o habitante d'este mundo que devassou jámais essas paragens do desconhecido que tanto horror incutem nos espiritos pueris? Para esse polo do ignoto só se embarca no tumulo, porto que não tem surgidouro para os expedicionarios, nem torna-viagem. Sem uma consoladora esperança d'uma vida toda espirito e toda felicidade alem d'esta, o horror da morte, a repugnancia da aniquilação da materia e por conseguinte de todo o ser, a certeza do nada seria superior ao stoicismo mais invencivel e ao soffrimento mais cynico.

Possa a saudade que a tua perda deixou no coração dos que te conheciam, oh! dilecto amigo, dar linitivo ás amarguras de tua familia, e podesse este desabafo varrer o sentimento que nos enluta o coração pelo desaparecimento de um amigo da infancia de quem sempre nos lembraremos com saudade.

3 de abril de 1884. A. R. C.

Contra a debilidade

Recommenhamos o Vinho Nutritivo de Carne, e a Farinha Peitoral Ferruginosa da Pharmacia Franco, por se acharem legalmente auctorisadas.

ANNUNCIOS

CASA DE PENHORES

DE A. M. MARQUES VILLAR legalmente auctorisada Trav. de St.º Antonio (proximo á Sé) AVEIRO

EMPRESTA dinheiro sobre penhores d'ouro, prata, moveis, relogios e roupas em bom estado, das 9 horas da manhã ás 10 da noite, por um juro baratissimo. Tambem recebe dinheiro por conta do penhor, para facilitar a retirada d'elle.

NOVIDADE

GRANDE ARMAZEM DE MOVEIS 26—Rua do Quebra Costas—42 COIMBRA

JOAQUIM DE CARVALHO PORTO acaba de receber um magnifico e variado sortimento de moveis, tanto de madeira como de ferro, que vende por preços commodos. Tambem se encarrega de toda a qualidade de trabalhos concernentes á arte de marceneiro e estofador. Os trabalhos são executados com a maior perfeição e os preços são baratissimos. Todos os pedidos devem ser dirigidos ao annunciante.

OFFICINA DE Serralheria

DE JOÃO AUGUSTO DE SOUSA Largo da Apresentação, 4 a 6 AVEIRO

ESTA officina fazem-se portões, grades, lavatorios, fogões, e camas de preço de réis 8\$000 a 1\$400.

HEBERT SPENCER

A EDUCAÇÃO INTELLECTUAL—MORAL—PHYSICA

Traduzido do inglez por Emydio d'Oliveira, e prefaciado pelo exm.º sr. dr. Ricardo d'Almeida Jorge, lente e secretario da Escola Medico-Cirurgica do Porto. CAPITULO I—Quaes são os conhecimentos de maior valor? CAPITULO II—A Educação Intellectual. CAPITULO III—A Educação moral. CAPITULO IV—A Educação physica. Um excellent volume de mais de 300 paginas nitidamente impresso em excellent papel 1\$000 réis. Assigna-se na Livraria Moderna, 52—Rua do Bomjardim—Porto.

POEMA DE MILTON TRANSCRICÇÃO EM VERSO 300 réis cada fasciculo semanal

BIBLIOTHECA

DE Romances baratos VOLUMES DE 256 PAGINAS 100 réis OBRAS PUBLICADAS O SEGREDO TERRIVEL 2 volumes..... 200 réis A HERANÇA DO BANQUEIRO 2 volumes..... 200 réis. NO PRELO

NO TEMPO DO TERROR Na provincia e ilhas, 420 réis. Na Africa, 450 réis. Brazil, moeda fraca, 500 réis.

Publicado e á venda em todos os kiosques e livrarias do reino

AS GUERRAS DE NAPOLEÃO I.º POR Ereckmann-Chatrion

Obra premiada pela Academia Franceza—Um fasciculo semanal de 4 folhas de 8 paginas e duas gravuras 50 réis—Assigna-se no escriptorio da empresa de Romances Illustrados rua da Fabrica, 66—PORTO, e em todas as livrarias e kiosques. Aceitam-se correspondentes nas diversas teras do reino.

Photographia DE JOSÉ BERNARDES DA CRUZ 28, RUA DIREITA, 28 Retratos—PETIT-PROMENADE—a 600 réis a duzia.

CARIMBOS Carimbos e sinetes de borracha a preços muito reduzidos. Tomam-se encomendas na photographia de Paulo de Sousa Pereira, Rua de José Estevam n.º 47, AVEIRO.

Contra a tosse

Xarope Peitoral de James, unico legalmente autorisado pelo Conselho de Saude Publica, ensaiado e approved nos hospitaes. Acha-se á venda em todas as pharmacias de Portugal e do estrangeiro. Depósito geral na Pharmacia—Franco, em Belem. Os frascos devem conter o retrato e firma do auctor, e o nome em pequenos circulos amarelos, marca que está depositada em conformidade da lei de 4 de junho de 1883.

Contra a de bilidade

Farinha Peitoral Ferruginosa da Pharmacia Franco, unica legalmente autorisada e privilegiada. É um tonico reconstituente, e um precioso elemento reparador, muito agradável e de facil digestão. Aproveita do modo mais extraordinario nos padecimentos de peito, falta de appetite, em convalescentes de quaesquer doencas, na alimentação das mulheres gravidas, e amas de leite, pessoas idosas, creanças, anemicos, e em geral nos debilitados, qualquer que seja a causa da debilidade. Acha-se á venda em todas as pharmacias de Portugal e do estrangeiro. Depósito geral na Pharmacia-Franco, em Belem. Pacote 200 réis, pelo correio 220 réis. Os pacotes devem conter o retrato do auctor, e o nome em pequenos circulos amarelos, marca que está depositada em conformidade da lei de 4 de junho de 1883.

EMPREZA

NOITES ROMANTICAS

08 CIGANOS DA REGENCIA POR XAVIER DE MONTÉPIN

Illustrada com lindas e magnificas gravuras de F. Pastor. Cada caderneta de 5 folhas ou 4 e uma estampa, por semana custa 30 rs. Brinde á sorte pela extracção da 1.ª loteria portugueza que tiver logar em seguida á conclusão do quarto volume: Uma inscrição de—100\$000 Correspondente em Aveiro, Caetano Joaquim d'Azevedo, R. Direita.

CYSNE DO VOUGA GRANDE HOTEL Praça da Fructa AVEIRO

O local onde se acha situada esta nova casa, os elegantes commodos e confortaveis apesentos, a limpeza e promptidão do serviço e a modicidade dos preços, tudo recommenda aos viajantes este esplendido hotel.

O proprietario encarrega-se de fornecer OVOS-MOLLES e MEXILHÃO, por preços rasoveis.

Tambem está habilitado a fornecer vinho de 1.ª qualidade, tanto verde como maduro.

Leccionista

ALEXANDRE DAS DORES CASIMIRO lecciona em casas particulares, mathematica, portuguez e francez, e abre um curso nocturno de mathematica 2.ª e 3.ª parte. Tractar na rua do Arco, Quinta da Apresentação, AVEIRO.

VINHO NUTRITIVO DE CARNE



Privilegiado, auctorisado pelo governo, e approved pela junta consultiva de saude publica.

É o melhor tonico nutritivo que se conhece: é muito digestivo, fortificante e reconstituente. Sob a sua influencia desenvolve-se rapidamente o appetite, enrique-se o sangue, fortalecem-se os musculos e voltam as forças.

Emprega-se com o mais feliz exito, nos estomagos ainda os mais debéis, para combater as digestões tardias e laboriosas, a dispesia, cardialgia, gastro-dynia, gastralgia, anemia ou inacção dos orgãos, rachitismo, consumção de carnes, affecções escrophulosas, e em geral na convalescença de todas as doencas, aonde é preciso levantar as forças.

Toma-se tres vezes ao dia, no acto da comida, ou em caldo, quando o doente não se possa alimentar.

Para as creanças ou pessoas muito debéis, uma colher das de sopa de cada vez; e para os adultos, duas a tres colheres tambem de cada vez.

Um calix d'este vinho representa um bom Bifeiteck.

Esta dose com quaesquer bolachinhas e um excellent lunch para as pessoas fracas ou convalescentes; prepara o estomago para acceitar bem a alimentação do jantar, e concluido elle, tome-se igual porção ao toast, para facilitar completamente a digestão.

Para evitar a contrafeição, os envolveros das garrafas devem conter o retrato do auctor, e o nome em pequenos circulos amarelos, marca que está depositada em conformidade da lei de 4 de junho de 1883.

Acha-se á venda nas principaes pharmacias de Portugal e do estrangeiro. Depósito geral na Pharmacia Franco, em Belem.

Empreza

INDUSTRIAL PORTUGUEZA

CONTRUCÇÕES NAVAES COMPLETAS Fundicção de cannos, columnas e vigas por preços limitadissimos

CONSTRUCÇÃO DE COFRES PROVA DE FOGO

Construção de Caldeiras

A EMPREZA industrial portugueza, actual proprietaria da officina de construcções metallas em Santo Amaro, encarrega-se da fabricação, fundição e collocação, tanto em Lisboa e suas arredores como nas provincias, ultramar, d'ellas ou no estrangeiro, de quaesquer obras de ferro ou madeira, para construcções civis, mechanicas ou maritimas.

Acceta portanto encomendas para o fornecimento de trabalhos em que predominem estes materiaes, tais como telhados, vigamentos, culpas, escadas, varandas, machinas a vapor e suas caldeiras, depositos para agua, bombas, veios e rodas para transmissão, barcos movidos a vapor completos, estufas de ferro e vidro, construcção de cofres á prova de fogo, etc.

Para a fundição de columnas, cannos e vigas tem estabelecido preços dos mais resumidos, tendo sempre em deposito grandes quantidades de cannos de todas as dimensões.

Para facilitar a entrega das pequenas encomendas de fundição tem a EMPREZA um deposito na rua de Vasco da Gama, 19 e 20, ao atero, onde se encontram amostras e padrões de grandes ornatos e em geral o necessario para as construcções civis, e onde se tomam quaesquer encomendas de fundição.

Toda a correspondencia deve ser dirigida á EMPREZA INDUSTRIAL PORTUGUEZA, Santo Amaro.—LISBOA.

!! ALTO AQUI !!

O proprietario do HOTEL CYSNE DO VOUGA, fornece apreciavel VINHO DA MADEIRA por preço convidativo.

Esta especialidade de VINHO, só se vende no

HOTEL CYSNE DO VOUGA Praça da Fructa

Muita Atenção!!!

Estabelecimento de mercearia, confeitaria, salchicharia e corservaria,

premiado nas exposições de Philadelphia, Paris e Rio de Janeiro, com medalhas de prata e menções honrosas

AVEIRO—35 A 39, PRAÇA DO COMMERCIO, 35 A 39—AVEIRO

JOSÉ DOS SANTOS GAMELLAS & FILHO chamam a attenção dos seus freguezes e do publico em geral, para o extraordinario sortimento de diferentes artigos, que acabam de receber directamente das principaes casas de Londres, Allemanha, Suissa, Paris, Bordeus e Lisboa, e que vendem a preços sem competitor, em virtude das suas relações com as primeiras casas d'aquelles paizes.

QUEIJOS, Roquefort, Londrino, Gruyer, Prato, Papel e Flamengo. Conservas Inglezas, Francezas e Nacionaes, em frascos. Leite condensado, dos Alpes. Manteiga Ingleza e Normanda em latas e barris. Passas de Malaga. Gelatina branca e vermelha. Biscoitos Inglezes, Francezes e Nacionaes. Pastilhas de Hortelã Pimenta, Farinhas de Malzena, Seruy, Tapioca, Cevadinha, Ervilha, Fava, Batata, Sagú e Perles da Nizam. Alcaparras em frascos. Mostarda em pó e preparada. Julienne em pacotes. Champignons e Trutas em latas. Lagosta Ingleza e Salmão em latas. Presuntos Inglezes, Allemaes, de Lamego e Melgaço. Figos Inglezes em caixinhas. Doce de Goyaba do Brazil, em latas. Cocos muito frescos. Fructas de Papeis de todas as qualidades e objectos para escriptorio. Surpresas e brinquedos para creanças. E muitissimos outros artigos, que seria impossivel enumerar

todas as qualidades em compota, seccas e chrialisadas. Marmelada Franceza em latas e em quartos.—Carne assada. Carneiro com Ervilhas, com feijão, guizado. Mão de Vacca. Costeletas de Vitella. Lingua de Fricassé. Massa de tomate. Ervilhas. Couve flor. Broculos. Repolho e Grellos, tudo em latas.—Salame de Italia e Lion. Doce de Gilla em latas, de Laranja em lindos boiões de porcelana. Doce de especie muito fino, das melhores confeitarias de Paris. Sardinhas de Nantes. Fructas do Brazil em latas. Ditas em caixinhas de phantasia. Rebuçados Francezes. Pastilhas de Gelatina e Gomma Arabica. Chocolates Francezes e Hespanhoes. Chá, Café e Arrozes de todas as qualidades. Azeitona d'Elvas e de Sevilha. Geleia em copos.

Queijadas de Cintra, da Sapa, Pasteis do Cócó, Broas do Natal, Morellas d'Arouca. Unto de pingue Italiano. Manteiga de Cintra, e d'Arouca. Uma variedade extraordinaria de Licores, Cognacs, e bebidas de todas as qualidades. Vinhos de Champagne, Bordeus, Jerez, Madeira, Porto, Bucellas, Colares, Caravellos e Alentejo. Assucars Allemaes, Inglezes e da Ilha da Madeira, chrialisados, finos e areados. Laranjinha do Paraty. Pudins economicos em dois minutos, de 1/2 kilo, a 50 réis!!! Pimentinhas em frascos. Queijo da Serra de Estrella e de Niza. Chourigo e Paio de Lamego e Castello de Vide. Mexilhão e Ovos molles em latas.

N. B.—Enfeitam-se taboleiros pelos systemas das confeitarias de Paris e Lisboa.

José dos Santos Gamellas & Filho